

O USO DE ESTRANGEIRISMOS EM MANUAIS DE LÍNGUA MATERNA.

TEIXEIRA¹, Madalena Teles de Vasconcelos Dias

RESUMO

No início do século XXI, aquando do lançamento do *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa*, não foram raros os artigos de jornais, nem as discussões televisivas entre os defensores da dicionarização deste tipo de vocabulário e os que se lhe opunham. No entanto, e sendo a aula de Língua Portuguesa um espaço privilegiado nesta matéria, considerámos necessário conhecer o que nos dizem os Manuais Escolares.

Concluímos que a Língua Inglesa é a que tem a presença mais significativa nos manuais escolares e que embora muitas palavras estrangeiras, de origens diversas, já tenham sido adaptadas à Língua Portuguesa, ainda permanecem na sua forma original nos já mencionados manuais. De sublinhar, ainda, as marcas visuais registadas e o(s) tipo(s) de adaptação a que estes elementos linguísticos já forma submetidos.

Estamos em crer que uma maior articulação entre a filosofia que envolve os *Curricula* e a formação contínua de professores contribuiriam, sem dúvida, para a melhoria do processo de ensino/aprendizagem, no que concerne à temática estrangeirismos, na aula de língua materna.

Palavras- chave: Estrangeirismos; Escola; Manuais; Pedagogia

Introdução

A Língua Portuguesa desde cedo que evidencia ser permeável à entrada de palavras estrangeiras. Para tanto, é suficiente pensarmos que já nos séculos VI / VII a.c., os Romanos contraíram as suas primeiras importações aos Gregos e que alguns séculos mais tarde – V / VI d. c. – surgem as influências linguísticas Germânicas (*Germanismos*). No entanto, as vagas de estrangeirismos usados pelos habitantes da Península Ibérica não ficam pelo século VI, pois no século VIII, aparecem novos *estrangeirismos* motivados pelas invasões Árabes (*Arabismos*), seguidos da presença de *Castelhanismos*, no século XVI, que é inegável, sobretudo, na Literatura Vicentina. Já nos séculos XVIII / XIX, verifica-se um índice de importações mais a nível da Língua

¹ UL – Faculdade de Letras - Centro de Estudos Anglísticos, Alameda da Universidade / 1500 Lisboa – Portugal / IPS – Escola Superior de Educação, Complexo Andaluz / 906 -002 Santarém – Portugal madalena.dt@gmail.com

Francesa (Neto, 1992), ficando os *Anglicismos* e *Americanismos* que entram em força no leque linguístico português, nos séculos XX e XXI.

Nos tempos que correm, não há grandes dúvidas de que a era da *Globalização* contribuiu fortemente para o diluir de fronteiras culturais entre os diferentes países do mundo, potenciando, assim, uma comunicação alargada entre todos os povos. Claro está que este contexto torna-se condutor à existência de alguns conflitos e polémicas, em particular, no que respeita à escola, pois o uso crescente dos *estrangeirismos* é uma realidade de que a escola não pode alhear-se, uma vez que esta visa, entre outros objectivos, a transmissão de conhecimentos e a formação de cidadãos competentes.

O que pensar relativamente à situação escolar? Isto é, o que fazer quando os nossos alunos utilizam *estrangeirismos* no seu discurso quer escrito quer oral? Devemos ter uma atitude normativa ou devemos compreender “que as palavras são os elementos que servem, provam e esclarecem a expansão política, social, económica, científica ou técnica de cada idioma.”? (Machado, 1997: 5). Serão os Manuais suficientemente esclarecedores nesta matéria? Contribuirão as gramáticas para o sucesso deste tema? Qual a posição da classe docente, relativamente a esta temática? Apoia? Discorda? O que pensa? Como actua?

As questões colocadas espelham problemas de cariz linguístico e pedagógico. Mas se tivermos em conta que, por vezes, utilizamos palavras estrangeiras que têm um significado preciso para um determinado referente e que não existe nenhum elemento linguístico - neste caso, português - que o possa substituir através da tradução ou da adaptação, então podemos e devemos encarar os *estrangeirismos* com outra legitimidade.

Como referem Machado (1997) e Casteleiro (2001), o aparecimento de *estrangeirismos* surge com a necessidade de utilização desse(s) mesmo(s) vocábulo(s)

por parte dos falantes. No entanto, Casteleiro (2001) acrescenta que em vez de tantas criações de palavras novas através da adaptação das normas técnicas internacionais por parte das comissões de normalização do Instituto Português da Qualidade, será mais benéfico um “dicionarista sugerir palavras, sobretudo, se o objectivo for um objectivo patriótico que é o de combater o excesso de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa”. Por vezes, aparecem textos de certas áreas científicas que o autor tem dificuldade em dizer se estão escritos em Língua Portuguesa ou em Língua Inglesa, classificando-os de textos escritos numa “Língua Miscigenada”².

Perante esta problemática, pretende este estudo ser um ponto de partida para analisar e averiguar o modo como esta questão é tratada na aula de Língua Materna, com base em textos reguladores da prática pedagógica - Manuais Escolares.

Os manuais escolares que constituem o nosso *corpora* foram seleccionados, por maioria, isto é, houve a preocupação de saber quais tinham sido os mais adoptados pelas escolas, tendo-se obtido o seguinte resultado: *Português de Palavra, Língua Portuguesa e Perspectivas*. A análise foi feita por autores, permitindo-nos verificar o caminho percorrido na temática em estudo, no decurso do 3º ciclo – escolaridade obrigatória. Pretendeu-se, ainda, saber se existiam explicações sobre o significado das palavras encontradas, se elas estavam destacadas graficamente, se havia referências quanto à origem das mesmas e qual o tratamento efectuado por dicionários de Língua Portuguesa – Casteleiro e Houaiss.

Textos Reguladores da Prática Pedagógica

Ao analisar os Manuais *Português de Palavra*, de Costa, F. *et al.*, verifica-se que todos os *Índices* mencionam o tema em estudo e que o *Texto Poético*, o *Texto Publicitário* a *Notícia* e a *Banda Desenhada* são as secções onde se observa menor

² Discurso proferido na comemoração dos 25 anos da Universidade do Minho, pelo lançamento do Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa.

número de *estrangeirismos*. Os alunos contactam com mais termos linguísticos estrangeiros na secção dedicada ao *Texto Narrativo*, sem que esta situação se prolongue no 9º Ano.

O índice que se revela menos aprofundado é o correspondente ao 7º Ano, uma vez que apenas menciona *nelogismos* e de forma lacunar. Os *Índices* dos 8ºs e 9ºs anos já evidenciam algo mais, nomeadamente no que concerne a palavras entrecruzadas e estrangeirismos.

Relativamente ao *Texto Narrativo* e aos vocábulos registados, estes apresentam, de um modo geral, destaque gráfico: umas vezes o itálico - *croissant, maples, nylon, subway, chewing gum, freak, jeans, short, maillot, collants, pelouches, cool, okay, feeling, problem, skinheads* e *capots*, outras vezes as aspas - “dossier”, “crochet”, “placards” e “tchau”). Em *up town, dear, inch allah, salam aleikum* e *aleikum salam*³, não se observam destaques. Interessante é o facto de as palavras *nylon* e “crochet” integrarem o mesmo texto – “Na feira”, de Maria Velho da Costa - e mostrarem destaques distintos.

No que respeita a esclarecimentos sobre o significado das palavras estrangeiras ou sobre as suas origens, não se verificam quaisquer directrizes. Apenas o Texto Narrativo “Arroz do Céu”, de José Rodrigues Miguéis, inclui a seguinte actividade: “2. As palavras *subway, chewing gum* e *viu* aparecem em itálico por razões diferentes. 2.1. Explica. 2.2. Indica o significado das palavras em Inglês.” (p.113), cabendo, portanto ao professor um papel activo na leccionação deste conteúdo.

Outro texto a considerar é “Que é que eu escrevo?”, de Maria Teresa Maia González, que conta a história de um rapaz apaixonado, cuja namorada é muito boa aluna e tem como conselho de um colega escrever-lhe em inglês, no sentido de a impressionar, uma vez que este lhe lembra que os *pelouches* já estão um pouco

³ - Os destaques são nossos.

vulgarizados. Ricardo ainda começa a carta com “Dear Mafalda”, mas abandona esta ideia, porque pensa que é “pindérico a olho nu...” (p.65).

A mesma autora transcreve um diálogo entre dois adolescentes para que se proceda à identificação do “registo de língua predominante” (p.69) e, posteriormente, pede que o mesmo diálogo seja reescrito “usando um registo corrente ou cuidado” (p.69).

"Olha, Passa, queres vir à festa que eu vou dar no Sábado?

Cool, meu, 'tou lá. É preciso levar alguma coisa?

Só o esqueleto.

Okay. Sem esforço.

Só tenho uma crise p'ra resolver.

Vomit!

É assim: lógico que eu quero lá a Mafalda...

Não 'tou a morder.

É que ela não deve querer ir, Passas.

Porquê?

Não sei, é cá um *feeling*.

Ora! Escreves-lhe uma cena qualquer tipo romântico, sei lá, estilo Camões ou assim. As miúdas curtem essas tretas. Passam-se. Podes crer!

Achas? - perguntou incrédulo, o Ricardo.

No *problem*.

Mas eu não tenho jeito nenhum para escrever! Ainda por cima dou erros...

Qual é a espiga? Toda a gente dá erros. Olha, escreve em inglês, sempre é mais fácil."

Será que as palavras estrangeiras que aqui se encontram são, somente, consideradas registo familiar na Língua Portuguesa? Será este o único aspecto considerado relevante pelos autores?

Ao contrário do que se presenciou no *Texto Narrativo*, os registos de palavras estrangeiras, no *Texto Poético*, recaem agora no 9º Ano. Os três primeiros elementos *miss*, *mademoiselle* e *madame* surgem num excerto retirado de *Os Maias*, de Eça de Queirós, e são uma forma de tratamento que se encontra em itálico. Quanto a “CD-ROM”, o seu destaque é feito através da utilização de maiúsculas.

A semelhança do *Texto Narrativo* com o *Texto Poético* é que em nenhum dos casos se verificam explicações a nível do significado e a nível da origem.

No que respeita ao *Texto Dramático*, pode-se observar que os três níveis de escolaridade revelam o uso de elementos linguísticos estrangeiros. Relativamente ao 7º Ano, as palavras em foco não mostram aspas ou itálico. No entanto, como o texto “*Toca e Foge ou A flauta Sem Mágica*”, de António Torrado, se encontra escrito em itálico (pois trata-se de uma indicação cénica), os vocábulos, “majorette” e “play-back”, destacam-se pela sua formatação normal. No 8º Ano, as palavras e as expressões obtidas foram registadas, no Manual, em itálico e no 9º Ano, *CD-ROM* e *Internet*⁴ são dois termos que não estão integrados em nenhum texto, mas que se localizam na actividade “Investigar”. Os seus aspectos gráficos são iguais aos outros termos de Língua Portuguesa, não se observando aspas ou itálico. Mais uma vez, a única diferença reside no facto de o primeiro termo se encontrar em maiúsculas.

Questionámo-nos, neste ponto, sobre o porquê de uma ausência gráfica distintiva, nestes registos. Serão estas palavras consideradas de raiz portuguesa? Ou serão consideradas já portuguesas e por esse motivo apresentam esta configuração? Se assim é, por que razão se verificam outros termos linguísticos, de etimologia idêntica, escritos de modo diferente?

Ainda na secção do *Texto Dramático*, encontra-se, num extracto de um trabalho elaborado por um grupo de alunos da Escola Secundária das Olaias, os três últimos registos que apresentam aspas - “hollywoodesca” e “charme” - e itálico - *playback*”.

Aqui não se verifica uma uniformização de critérios no que respeita aos destaques gráficos. Inclusivamente, a última palavra registada, ao contrário do que se verificou no 7º Ano, não tem hífen. Esta situação também ocorreu num texto da secção *Texto Narrativo*. Quanto a esclarecimento de significados, verifica-se que, tal como nas secções anteriores, não se observam.

⁴ - *Ibidem*.

Nas secções *Texto Publicitário*, *Notícia* e *Banda Desenhada*, nota-se, de imediato, a ausência de registos no 9º Ano.

No 7º Ano, os elementos constantes do nosso *corpus* estão escritos entre aspas – “slogan” e “made in”. No 8º Ano estão em itálico – “*slogan*” e “*cartoon*”. Verifica-se, assim, que os autores do Manual utilizaram um critério diferente para o 7º Ano e para o 8º Ano. Pela primeira vez observa-se a existência de uma explicação para o termo “*slogan*” que, embora redigida de forma diferente - nos diferentes anos -, apresenta o mesmo conteúdo “O slogan é uma expressão breve, chamativa e facilmente memorizável, que se associa ao produto /serviço /ideia que se pretende publicitar. A sua função é chamar a atenção do destinatário e gravar na sua mente uma ideia” (p.22). A expressão de Língua Inglesa “Made in” faz-se representar através de um anúncio contra produtos fabricados na Indonésia - “uma etiqueta que identifica a origem do produto, isto é, onde foi fabricado” (p.199), mas não há referências quanto à origem da palavra.

Na secção dedicada ao *Funcionamento da Língua*, embora os exemplos sejam mais abundantes no 9º ano, as alusões a conceitos e delimitações revelam-se de pouco conteúdo e, em nossa opinião, com afirmações questionáveis, como se pode ver no manual do 8º ano. Quanto ao 7º Ano, é lamentável a pobreza de conteúdo, pois as secções analisadas anteriormente evidenciam exemplos sobre os quais os autores não deveriam ficar alheios.

Assim, no 8º ano, verifica-se que a explicação do termo *estrangeirismo* se baseia na observação de anúncios retirados de jornais portugueses, sendo, posteriormente, os alunos alertados para o facto de que as palavras que se encontram sublinhadas são *estrangeirismos*. O "esclarecimento" sobre este conteúdo termina com um comentário, justificativo sobre o motivo do uso de *estrangeirismos*, preconizado por Victor Adragão.

"Os estrangeirismos são o resultado da incapacidade da língua (por razões de urgência ou de inércia) de criar palavras novas para dizer coisas novas. Eles são, sabemos-lo bem, uma das características mais evidentes desta nossa época em que, constante e maciçamente, nos chegam novas realidades, resultantes do rápido progresso da ciência e da técnica e, ao mesmo tempo, da abertura a que os recentes acordos internacionais nos têm conduzido." In *Público*, 05 - 06 - 94"

Parece que Adragão se afigura um pouco radical ao considerar que o uso de *estrangeirismos* é o "resultado da incapacidade da língua (...) de criar novas palavras". Por que não considerar o uso de *estrangeirismos* um processo de renovação do léxico? Será que a língua é mesmo incapaz de se renovar? Sob esta perspectiva, os alunos poderão ficar com a noção de que a Língua Portuguesa é um sistema frágil e incapaz de criar, pensando, também, que essa realidade não se vivencia em termos de criação, mas apenas no que concerne a renovação e a adaptação.

A página trinta e três contém exercícios que se destinam à aplicação dos conhecimentos leccionados anteriormente. O exercício dois apresenta, assim, uma lista de palavras estrangeiras (e sua origem) utilizadas no discurso escrito e no discurso oral, sendo pedido aos alunos que pesquisem os respectivos significados.

O mesmo Manual, numa tentativa de clarificar o conceito, refere *neologismos* como sendo

"palavras que nascem na língua, por aplicação de um processo de derivação ou de composição ou por adaptação de uma palavra estrangeira (por vezes, latina ou grega) em ordem de dizer uma realidade nova de uma forma tão genuína quanto possível" (Adragão, citado pelo *Manual*, p.31).

Contudo, só no Bloco Guia Gramatical do Aluno se encontra articulação entre *neologismos* e *estrangeirismos* - "Quando os neologismos são adaptados na sua sonoridade e na sua grafia temos os estrangeirismos" (p.10). Nota-se, deste modo, uma certa dificuldade na delimitação de *estrangeirismo* e de *neologismo*.

Quanto ao 9º Ano, deparámos com uma breve referência ao vocábulo *estrangeirismos* como fonte de enriquecimento lexical a partir do século XVI, devido ao incremento da actividade comercial e cultural com outros países da Europa.

O termo estrangeirismo é, ainda, definido como sendo "a adopção de vocábulos de outras línguas, adaptados à fonética da língua portuguesa" (p.59). No entanto, não se verifica qualquer alusão à, anteriormente mencionada, adaptação gráfica ou à morfológica. Visíveis, sim, exemplos de Língua Francesa "*boné, bibelô, chefe, blusa*" (p.59); da Língua Espanhola "*bolero, tejadilho*" (p.59); da Língua Inglesa *bife, futebol, pulôver, cheque, ténis* (p.59) e da Língua Italiana "*cantata, piano, maestro*" (p.59).

Para o conceito de *neologismo*, os autores registaram que é "a criação de novos vocábulos" (p.60) que "são necessários para designar novas realidades" (p.60). No ponto "Aplica os teus conhecimentos" (p.60) é pedido para elaborar "uma lista de neologismos relacionados, por exemplo, com a ciência e com a informática.". Sobre este assunto nada mais é mencionado.

Conforme se foi observando, estes Manuais, de um modo geral, não apresentam o significado dos vocábulos registados, as suas adaptações (quando se verificam) e os dados relativos às suas origens. Por esse motivo, optou-se por actuar nesse sentido. Começamos pelas origens.

As palavras que mais se destacam são as de origem Inglesa 51%, seguidas das de origem Francesa, com 35% dos resultados obtidos. Numa escala menos elevada, podem observar-se vocábulos de origem Italiana -8%, de origem Castelhana – 4% - e de origem Árabe - 2%.

Assim, encontramos um resultado de maior penetração linguística a nível da Língua Inglesa. Produto que não é surpreendente, uma vez que, como já houve oportunidade de mencionar, actualmente assiste-se a uma massificação de bens e de filosofias que se prendem com países onde se fala o inglês, como fruto da globalização e da predominância da civilização anglo-americana.

Provavelmente é inevitável o uso destes vocábulos, para que se possa acompanhar, linguisticamente, o decorrer do século. No entanto, ao pesquisar estas palavras em dicionários actuais, do século XXI, verifica-se que grande parte das mesmas já foram adaptadas à Língua Portuguesa - 39%, existindo, também, as que não foram adaptadas - 13%, mas que integram uma nota remissiva para termos que lhes são equivalentes. Acresce, ainda, salientar que 5% destas palavras têm sinónimos. Resta referir que os Manuais *Português de Palavra* veiculam 25% de termos linguísticos que se encontram legitimados pelos dicionários, isto é, registados nas suas formas originais e 18% cujo registo não se verifica.

Parece-nos, perante o enquadramento aqui descrito e analisado, que, no final do 3º ciclo, os alunos poderão ficar com dúvidas sobre esta matéria, sendo necessário que o professor se consciencialize desta situação e que, conseqüentemente, tenha um papel activo na aquisição das competências dos respectivos estudantes.

Nos Manuais *Língua Portuguesa*, de Teixeira, M. A. *et al.*, somente os Índices dos 8ºs e 9ºs Anos apresentam itens que se prendem com a nossa investigação.

À semelhança do que verificámos nos Manuais anteriores - *Português de Palavra* -, a secção onde se regista o número mais elevado de palavras estrangeiras é na do *Texto Narrativo*, que na sua maioria se apresenta em itálico – *Knickerbockers, poker, steward, chewing gum, subway, croissant, bufete, enfant, terrible, cachet, cowboys, gilet, petits-fours, toilette, capots, habitué, dossier*. Aspecto interessante é o facto de *dossier*, que aparece como instrução de actividades a desenvolver pelos alunos, umas vezes, se encontrar em itálico e, outras vezes, entre aspas. Os termos *badine* e *sky coaster* são destacados do restante texto através das aspas. *Up town, inch allah, salam aleikum, aleikum salam e surf* não registam qualquer destaque gráfico, articulando-se estas palavras e expressões com os restantes vocábulos do texto. Outra comparação que

parece inevitável com os Manuais anteriores é o facto de nenhuma destas palavras evidenciar os seus significados e as suas origens.

Relativamente à secção do *Texto Poético*, apenas se encontram registos no 8º Ano. “*Karingana ua Karingana*” é o título de um texto de José Craveirinha, onde não se observam aspas ou itálico, mas onde se regista um sinal explicativo do termo “Fórmula que em Ronga (Moçambique) significa “Era uma vez” (p.217). “*Handicap*” é igualmente o título de outro poema. No entanto, para além da ausência de destaques gráficos, também se observa a ausência de explicações a nível do significado da palavra.

Retirado do jornal *Público*, temos “Drummond na Internet”, em que o vocábulo *Internet* não é igualmente sujeito a explicações ou a qualquer tipo de destaque gráfico. Também o termo *best-seller* integra a grelha criada e encontra-se em itálico, percebendo-se o seu significado pelo seu contexto.

No que concerne ao *Texto Dramático*, num texto de autoria de António José Saraiva, retirado de *História Ilustrada das Grandes Literaturas*, surge o termo *sottie*, em itálico, e acompanhado do significado do seu conteúdo.

No âmbito do *Texto Publicitário, Notícia e Banda Desenhada*, registam-se palavras estrangeiras nas duas primeiras secções. Os termos *slogan*, *brainstorming*, *airbag*, *brevet* e *lead*, surgem na forma itálica. As palavras *buldozers* e *spot* encontram-se entre aspas. As restantes não evidenciam qualquer destaque gráfico. Relativamente à explicação de significados, observou-se que em alguns elementos linguísticos já ocorriam, como por exemplo, *brain-storming* – “(chuva de ideias) é uma actividade oral que tem como principais finalidades produzir um grande número de ideias num curto espaço de tempo e empenhar o grupo num projecto comum” (p.35). No caso de *slogan* não há um esclarecimento, propriamente dito, mas existem os princípios em que se baseia – “deve ser original, breve, simples e fácil de reter na memória” (p.42). O

aspecto que nos suscitou maior interesse foi o facto de *lead* se encontrar nos três níveis de escolaridade, explanado exactamente da mesma forma. Isto é, a estrutura da notícia foi apresentada pelos autores destes Manuais sem que se verificassem grandes alterações. A única diferença observada foi o registo das características da linguagem da notícia, nos 8º e 9º Anos.

Parece que os alunos que utilizam este Manual se poderão sentir entediados, na medida em que, sobre este assunto, não aprenderam nada de novo durante dois anos.

O progresso, nos 7º, 8º e 9º Anos, ocorre na secção do *Funcionamento da Língua*, uma vez que inicialmente, o Manual oferece quatro exemplos e seguidamente, apresentou mais sete; por último, fornece trinta e dois novos exemplos. Note-se, no entanto, que o Manual do 7º Ano apresenta estes vocábulos como sendo *neologismos*, que se formaram a partir de palavras estrangeiras - "Novas palavras surgidas para designar novos conceitos e objectos ligados aos domínios científico, técnico, artístico, desportivo, etc. Os neologismos formam-se, frequentemente, a partir da adaptação de termos estrangeiros" – "*aeronave, cosmonauta, cubismo e cineasta*" (p.64).

O Manual do 8º Ano, para além de integrar a definição e os exemplos de *neologismo*, introduz a definição e exemplos de *estrangeirismos* como sendo "Palavras estrangeiras introduzidas na língua portuguesa, adaptadas ou não" (p.54). Os exemplos apresentados são: *boné, equipa, jipe, lanche, blusa, abat-jour e collant* (p.54). Ainda de mencionar uma observação que se visualiza no final da mesma página: "De certo modo, as siglas, as abreviaturas, os estrangeirismos e as palavras entrecruzadas funcionam como neologismos". A esta observação nada é acrescentado, no sentido de esclarecer melhor o "certo modo" e o "funcionam como", podendo conduzir os alunos a uma situação de equívoco.

Verificou-se, também, que a informação fornecida sobre *estrangeirismos* é igual no 9º Ano à que se encontra no Manual do 8º ano, lamentando, assim, novamente, a falta de motivação que este recalar pode suscitar nos alunos. Contudo, no segundo volume deste Manual, encontrou-se uma "Ficha Informativa" sobre "O Léxico Português" (pp.86, 87), que mostra o caminho percorrido pela Língua Portuguesa, desde o Latim Vulgar, passando pelos *substratos* e *superstratos*, sem esquecer as influências lexicais vindas de vários países estrangeiros, até chegar aos nossos dias. Do país vizinho – Espanha - "*acendrado, apetrecho*" (p. 86), de Itália "*soneto, barcarola, piano, terceto, soprano, tenor, fachada, cantata*" (p.86), de França "*plissé, festonné, petit-pois, foi-gras, pelouse, pélerine, taille-douce, mentonnière, foulard, charrette, chaise-long*" p.87), da Língua Inglesa "*bar, basquetebol, bife, bridge, cheque, clube*" (p.87) e, por último, da Língua Alemã "*bismuto, feldspato, ganga, gusa, cobalto*" (p. 87). De recordar que os exemplos oferecidos nos Manuais do 7º e do 8º Ano, também constam desta lista.

Conforme se observou nos Manuais *Português de Palavra*, também nos Manuais *Língua Portuguesa* se registam, de um modo geral, a ausência de explicações quanto a significados e quanto à origem das palavras. Todavia, existem diferenças: a primeira manifesta-se no alcance percentual da Língua Francesa perante a Língua Inglesa, com 46% e 35%, respectivamente; a segunda é uma maior presença da Língua Italiana, com 12% dos dados recolhidos. Os registos Árabes podem observar-se mais uma vez, agora com 1%; a terceira é que podemos ver um aumento linguístico, quanto à integração de palavras com origens que não se verificaram anteriormente: origem latina, origem brasileira e origem chinesa, todas com 1%; a última radica no registo de 3% de vocábulos, cujas origens não se observam nos dicionários.

No que respeita à observação de termos linguísticos adaptados, verificou-se que sucedeu uma situação idêntica à dos Manuais *Português de Palavra*, ou seja, a maior

parte dos elementos linguísticos constantes nos Manuais *Língua Portuguesa*, também foram alvo de adaptações. As palavras adaptadas ocupam 49% dos dados obtidos. 4% é o resultado de palavras para as quais são apresentados sinónimos e 7% fazem parte dos termos linguísticos portadores de uma nota remissiva para termos equivalentes. Mais uma vez parece que palavras como estas têm um tratamento carenciado, pelos autores dos Manuais, ficando ao critério do professor uma orientação pedagógica condutora da actualização e renovação lexical da Língua Portuguesa. Ainda de referir que se observam palavras que se encontram registadas na sua língua de origem, constituindo 22% dos resultados. Não menos importante é o valor atingido pelos vocábulos que não se encontram registados nos dicionários – 18%.

Relativamente aos registos encontrados nos Manuais *Perspectivas*, estes são em menor do que os encontrados anteriormente.

Os *índices* dos três níveis escolares evidenciam o cuidado de referenciar o aspecto lexical, quer a nível do seu enriquecimento, quer a nível da sua dinamização.

Quanto ao *Texto Narrativo*, mais uma vez se pode verificar que é nesta secção que se encontra o maior número de palavras registadas. Umas com aspas – *this side up*, *tricot* e *mahout* – outras em itálico – *ailoviú*, *looping*, *snap roll*, *monsieur*, *chewing gum*, *subway*, *up town*, *hall*, *on line*, *headphones*, *dead finished*, *rock*, *jeep*, *foulard*, *toilette*, *capots*, *cupé*, *breque* e *banquete* – e, ainda, as que não foram objecto de qualquer destaque gráfico, como por exemplo: *dossier*, *internet*, *chofer*, *inch allah*, *salam aleikum* e *aleikum salam*.

A salientar, a palavra *ailoviú* que aparece como a representação gráfica portuguesa da expressão inglesa *I love you*. Podemos, então, presenciar que houve uma adaptação gráfica à Língua Portuguesa, como consequência da realização fonética inglesa. Inclusivamente, o guião de leitura sublinha esse aspecto através da questão “És

capaz de descodificar o que o narrador queria dizer com a palavra destacada? 7.1. Como justificas a ortografia da palavra?” (p.47). Também de referir que, no texto “Arroz do Céu” – de leitura obrigatória, a expressão *up town* surge pela primeira vez em itálico. Note-se que nos Manuais anteriores não se observava esta situação. No vocábulo *chofer* perspectiva-se já uma evolução linguística, na medida em que o mesmo sofreu uma adaptação à Língua Portuguesa. Sobre as palavras desta secção não se observaram explicações quanto aos significados e quanto à origem das mesmas.

No que concerne ao *Texto Poético* não se regista nenhuma palavra.

Relativamente ao *Texto Dramático*, efectuou-se um registo no 8º Ano – *ketchup* – que se encontra entre aspas e é desprovido de informações adicionais.

O *Texto Publicitário*, a *Notícia* e a *Banda Desenhada*, à semelhança dos Manuais *Língua Portuguesa*, registam elementos linguísticos estrangeiros nas duas primeiras secções. Na secção dedicada ao *Texto Publicitário* surgem vários anúncios onde se podem encontrar palavras estrangeiras, mas nenhuma delas é explicitada, parecendo que as actividades propostas se baseiam no conhecimento prévio das mesmas. No primeiro caso, pergunta-se aos alunos qual o público-alvo e quais os argumentos utilizados (p.31). Na segunda situação, pede-se que os alunos expliquem a relação existente entre a expressão "Dito Efeito" e as capacidades "do *DJMix*" (p.33).

No que respeita à *Notícia*, a estrutura de "um relato breve e objectivo" (p.84) não foi esquecida, fazendo, por isso, o título, o *lead* e o corpo da notícia parte da sua constituição. Para além deste esclarecimento, acresce sublinhar que a palavra *lead* surge, inicialmente, entre parêntesis e em itálico, dando destaque ao termo "entrada" - "título, entrada (*lead*), corpo" (p.84). Posteriormente, articula-se com o discurso sem ser merecedora de qualquer distinção. Ainda nesta secção, aparece a palavra *Internet*, escrita em itálico, integrada no título "Compras através da *Internet* podem sair

demasiado caras" (p.85). Pressupõe-se que os autores partem do princípio que o significado deste termo é do conhecimento geral dos alunos, uma vez que não há nenhuma explicação sobre o mesmo.

Observa-se que, no 8º Ano, se pretende leccionar a estrutura da notícia e que "Título, Entrada ou *Lead* e Corpo da notícia" (p.48) são os seus elementos constituintes. A palavra *lead* encontra-se em itálico como alternativa à palavra *entrada*. Contudo, não se verificam explicações sobre o seu significado, apenas a conjunção disjuntiva "ou" permite concluir que o termo em questão pode ser substituído.

No 9º Ano, surge novamente este vocábulo, mas sem se verificar a eventualidade da sua substituição com o termo *entrada*, limitando-se a informar que "O lead é o primeiro parágrafo e pode conter os dados essenciais da notícia." (p.44).

Relativamente ao *Funcionamento da Língua*, no 7º Ano, verifica-se que embora haja a informação de que "O léxico, como entidade viva que é, acompanha a evolução das sociedades. Por sua vez, o sistema linguístico de uma comunidade tem vários mecanismos que permitem essa evolução" (p.44), nenhum dos "mecanismos" apresentados refere o uso de *estrangeirismos*.

No 8º Ano, no texto "Enriquecimento do Léxico" (p.43), deparamos com as abreviaturas lexicais (Redução, Sigla e Acrónimo), os *neologismos*, as palavras entrecruzadas e os *estrangeirismos*. Sobre os *neologismos*, há a informação de que designam "coisas ou situações novas" e que "vão sendo criadas palavras novas que aos poucos vão fazendo parte do nosso léxico", (p.43) como por exemplo *cosmonauta* e *telemóvel* (p.43). Quanto a *estrangeirismos*, é dada a seguinte definição: "São *estrangeirismos* as palavras de uma outra língua que entram no léxico português, com adaptação ou não da grafia e/ou da pronúncia. Os estrangeirismos costumam designar-se segundo a sua língua de origem. Ex: galicismos (do francês): *cassette / cassete, botique*,

abat-jour, boné, collant. Anglicismos (do inglês): *lanche, clube, internet, site*." (p.43).

Ainda sobre este assunto, surge uma actividade que pede para procurar "na imprensa escrita": "três siglas, três estrangeirismos e três neologismos" (p.44), referindo o campo lexical de que fazem parte.

No 9º Ano, verifica-se o texto "O léxico, uma entidade viva" que se estende ao longo de quatro páginas e refere que a língua, com o decorrer do tempo, vai evidenciando alterações aos níveis fonético, morfológico, sintáctico e lexical. No entanto, sublinha que é "neste último caso que encontramos as modificações mais significativas" (p.182). As já referidas alterações são ilustradas através de "Processos de formação": por derivação (própria, prefixal, sufixal, regressiva e imprópria), por composição (justaposição e aglutinação), por composição erudita, por criação onomatopaica e por abreviação lexical (encurtamento e sigla).

Quanto ao enriquecimento lexical por uso de *estrangeirismos*, nada é mencionado. Todavia, no texto "Outros processos de renovação lexical" (p.196) verifica-se que os *neologismos* e os *estrangeirismos* também fazem parte dos processos de renovação do léxico. Os *neologismos* são definidos através da necessidade de designar novos conceitos, com recurso a radicais de origem grega e latina para a formação dessas designações linguísticas. Os *estrangeirismos* são "palavras que vêm de outros países" (p.196). Também se salienta que "Muitas vezes elas ficaram integradas, acabando por serem escritas segundo regras lexicais portuguesas; palavras que há uns anos eram *estrangeirismos*, hoje estão perfeitamente integradas no português: *contrôle* - controlo, *cassette* - cassete, *club* - clube." (p.196).

O facto de nesta definição se usar um tempo que exprime uma acção passada - "eram"- permite-nos questionar que *hoje* já não são, isto é, há palavras que já foram consideradas *estrangeirismos* e que actualmente já são consideradas portuguesas. Serão,

na realidade, os *estrangeirismos* a fase de um processo ou serão um elemento linguístico? O mesmo texto alerta, ainda, para a tentativa de encontrar termos equivalentes sempre que haja possibilidade, exemplificando com *meeting* - encontro, reunião; *rendez-vous* - encontro, entrevista; *coffee-break* - pausa (para um café)" (p.197), sem esquecer que galicismos, anglicismos e germanismos são os termos utilizados para designar " a língua de origem" dos *estrangeirismos*. Nessa página ainda existem quatro exercícios sobre os conteúdos teóricos em questão, mas apenas um desses exercícios é sobre *estrangeirismos* "Procura seis exemplos de estrangeirismos: três com grafia portuguesa; três com grafia da língua de origem." (p.197).

Sobre este assunto nada mais é mencionado, parecendo-nos, agora, oportuno mostrar os resultados a que se chegou sobre as palavras encontradas no Manual *Perspectivas*. Nestes Manuais podem observar-se diferenças e semelhanças relativamente aos analisados anteriormente – *Português de Palavra e Língua Portuguesa*, pois no que respeita à variedade das origens dos vocábulos registados, observam-se, apenas três: Língua Inglesa, Língua Francesa e Língua Árabe. Os primeiros atingiram 47%, os segundos 50% e os últimos 3%. Os registos de Língua Inglesa e de Língua Francesa, embora não distem muito uns dos outros, verificam-se na mesma ordem dos Manuais *Língua Portuguesa*, na medida em que os *Galicismos* se observam em maior número do que os *Anglicismos*. Sobre os vocábulos de origem Árabe, considerou-se importante informar que se devem ao facto de integrarem uma narrativa de leitura obrigatória *A inaudita guerra da Avenida Gago Coutinho*, de Mário de Carvalho.

Após a verificação do número de palavras adaptadas à Língua Portuguesa, pôde observar-se que não são estas as que se encontram em maior número, conforme nos demonstrou a análise dos Manuais anteriores. As palavras adaptadas ocupam, agora,

36% dos registos efectuados. Os vocábulos com sinónimos não se verificam e os que evidenciam remissões para termos equivalentes situam-se nos 12%. Os elementos linguísticos que estão registados na sua forma original representam 12% e os que não se encontram registados ocupam 40% dos resultados obtidos. Os valores alteraram-se, mas permitem reflectir e comparar com os Manuais anteriores. Note-se que os mesmos não mostraram valores tão elevados nos vocábulos não registados, mas são igualmente merecedores de uma reflexão, pois ocupam uma espaço significativo.

As palavras parecem ser usadas sem que se tenha observado o passar do tempo, na medida em que, pelo menos estas, não transmitem a renovação/adaptação a que foram submetidas para que se verifique a pretendida “normalização ortográfica” (Casteleiro, 2001: XV) proposta pelo *Dicionário* da Academia das Ciências de Lisboa.

Será uma tomada de posição intencional? Será esquecimento? Ou desconhecimento?

Na realidade, se formos às bibliotecas das escolas, podemos verificar que a grande parte dos dicionários que lá se encontra é antiga - facto que nos leva a questionar a actualização das mesmas - e, quando isso não se observa, encontramos, dentro dos “considerados melhores”, por exemplo o *Dicionário da Língua Portuguesa 2006*, da Porto Editora. Mas não se encontram outros dicionários, como por exemplo o *Dicionário de Língua Portuguesa*, de António Houaiss. As realidades linguísticas transmitidas por estes Dicionários são bastante diferentes, sendo comprovativo o número de páginas que cada um contém – 1812 e 3809.

Conclusão

As nossas experiências, como professores, revelam que cada vez mais se torna imperioso uma articulação entre diferentes áreas do saber, para que o processo

ensino/aprendizagem se revele mais eficaz e eficiente. Por isso as implicações do tema *estrangeirismos* não devem e não podem ficar alheias à necessidade de uma didáctica do léxico, uma vez que este assunto não deve ser perspectivado, apenas, como uma querela linguística entre os que são considerados puristas e os que são adeptos do uso destas palavras.

A tão veiculada influência da Língua Inglesa na Língua Portuguesa revela-se numa presença que nos parece algo excessiva na medida em que, para muitas das palavras usadas pelos *Manuais*, já se verificam adaptações, sobretudo de índole fonética, à Língua Portuguesa, bem como o registo de sinónimos e de remissões para outras palavras equivalentes que se encontram nos dicionários consultados.

Para além desta situação, observámos que os mesmos *Manuais* se revelam pouco profundos nas explicitações do próprio termo *estrangeirismo*, nos destaques gráficos que lhes conferem, no esclarecimento dos seus significados e nas actividades que lhes são subjacentes.

Numa perspectiva *macro* e lembrando a *Declaração dos Direitos Humanos* e a *Constituição da República Portuguesa*, o direito à educação e o respeito pelas diferenças culturais e linguísticas são uma realidade inegável. Mas não compreendemos a desarticulação que se verifica entre os documentos analisados e a filosofia que envolve o *Currículo* e a *Reorganização Curricular*. A escola é, sem dúvida, o espaço excelência para responder às necessidades impostas pela sociedade. Assim, e sendo a escola detentora de um papel comunitário tão importante consideramos fundamental que se pondere e reflecta sobre este assunto, no sentido de ultrapassar os obstáculos com que deparámos.

Reiterando a urgência de uma didáctica do léxico, a nossa primeira proposta recai sobre a necessidade da existência de um currículo que englobe nos seus conteúdos

objectos e objectivos de formação (Morgado, 2000), que permitam ao aluno o seu desenvolvimento cognitivo progressivo. Não esqueçamos que observámos nos Manuais dos 7º e 8º Anos – *Língua Portuguesa* - a mesma definição de *neologismo* e os mesmos exemplos.

Simultaneamente, é necessário colocar em prática a *Gestão Flexível do Currículo*, para que os alunos possam atingir as competências gerais e específicas propostas pela entidade reguladora, pois não pudemos observar neste contexto a essencialidade, a flexibilidade e a adaptação do currículo; vectores fundamentais para que se possa verificar um ponto de equilíbrio entre conteúdos programáticos e o currículo propriamente dito.

Também propomos uma maior aposta na formação dos professores, uma vez que se pretende que o ensino de saberes conduza à aquisição de competências. Assim, cabe ao professor investir mais na interacção com outros colegas e, sobretudo, ter uma atitude mais reflexiva para que possa consciencializar-se do seu desenvolvimento profissional e pessoal e, conseqüentemente, melhorar o seu processo de formação (Estrela, s/d). Desta forma, o professor pode actuar, na construção do saber e na renovação das suas próprias práticas lectivas (Vieira, 2000). A formação específica e especializada e o investimento na formação de formadores deveriam ser pólos a desenvolver pelas instituições de ensino superior, no sentido de clarificar os diferentes vectores que constituem o progressivo desenvolver do currículo.

Deste modo, consideramos que ao colocar em prática as directrizes mencionadas, se pode contribuir, para a melhoria do processo de ensino /aprendizagem sobre a temática do estrangeirismo, área tão específica quanto reveladora dos mais pobres e dos mais nobres sentimentos.

Referências Bibliográficas

CASTELEIRO, M. (2001). "O Dicionário da Língua Portuguesa Contemporâneo da Academia das Ciências de Lisboa – Enquadramento metodológico e contribuição para a aprendizagem da Língua Portuguesa". Conferência apresentada na Universidade do Minho no dia 12 de Julho.

CASTELEIRO, M. (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.

ESTRELA, A. (s/d). 4ª ed. *Teoria e Prática de Observação de Classes*. Porto: Porto Editora.

HOUAISS, A. (2001). 1ªed. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva

MACHADO, José Pedro. (1997). *Estrangeirismos na Língua Portuguesa*. Lisboa: Circulo de Leitores.

MORGADO, J. et al. (2000). 1ª ed. *Currículo: factos e significações*. Lisboa: ASA – Centro de Recursos e Informação e Apoio Pedagógico.

NETO, Serafim. (1992). *História da Língua Portuguesa*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Presença; Lisboa: Dinalivro.

VIEIRA, F. (2000). "Pedagogia para a Autonomia. O papel do professor na construção do saber e na renovação das práticas". Texto em justificação na Revista *Intervenção*.

Bibliografia Consultada

ALVES, Ieda. (1990). *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática.

BAGANO, M. (2001). "Mudança Linguística: Um fenómeno onde toda a prescrição é inútil". In *Letras*. Campinas: R. Letras. I. L. - PUC - Campinas, vol. 20 (1/2). Pp.45 - 60.

CARVALHO, Nelly. (1989). *Empréstimos Linguísticos*. São Paulo: Ática.

EGEA & JUNCADELLA. (2000). "Els neologismes en un servei lingüístic: problemes i solucions". In *La Neologia en el tombant de Segle*. Barcelona: Observatori de Neologia, Institut Universitat de Lingüística Aplicada, Universtat Pompeu Fabra. Pp.121-132.

FONSECA, F. I. (1994). "Ensino da Língua Materna: do objecto aos objectivos". In *Gramática e Pragmática. Estudos de Línguística Geral e Aplicada ao Ensino do Português*. Porto: Porto Editora.

GÓMEZ-CAPUZ, J. (2000). *El préstamo lingüístico. Conceptos, problemas Y métodos*. València: Universitat da València.

GOUVEIA, C. (2002). "O género dos estrangeirismos". *XVIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto 2 de Outubro. Comunicação gentilmente cedida pela autora (no prêlo).

LABOV, W. (2001). *Principles of Linguistic Change*. Oxford: Blackwell Publishers.

MARÇALO, M. J. (1992). 1ª ed. *Introdução à Linguística Funcional*. Lisboa: Instituto de Língua e de Cultura Portuguesa.

OSÓRIO, P. (2003). "A Entrada de Latinismos e Cultismos em Português. A Situação da Língua desde meados do século XIII até meados do século XVI". In *Gramática e Léxico em Sincronia e Diacronia. Um Contributo da Linguística Portuguesa*. Santiago de Compostela: Editora da Universidade de Santiago de Compostela.

TEIXEIRA, M. (no prelo). *A Entrada de Estrangeirismos na Língua Portuguesa*. Santarém: Edições Cosmos.

TESSYER, P. (1993). 5ªed. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.

TORRES, A (1990). "O Ensino/Aprendizagem do Português Entre Matrizes Idiomáticas e Xenotrofia Léxica". In *Revista Portuguesa de Educação*,3. I.E.- Universidade do Minho, pp.19-25.